



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

NATÁLIA MEIRELLES ALENCAR

VÍTOR COSTA E SILVA SANTOS

A POLÍTICA EXTERNA RELATIVA ÀS QUESTÕES CLIMÁTICAS

UM ESTUDO COMPARADO ENTRE BRASIL, ESTADOS UNIDOS E FRANÇA

(2015-2021)

BRASÍLIA

2023

NATÁLIA MEIRELLES ALENCAR

VÍTOR COSTA E SILVA SANTOS

**A POLÍTICA EXTERNA RELATIVA ÀS QUESTÕES CLIMÁTICAS
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE BRASIL, ESTADOS UNIDOS E FRANÇA
(2015-2021)**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof^a Dra. Aline Maria Thomé Arruda Frattari

BRASÍLIA

2023

RESUMO

As mudanças climáticas e o meio ambiente são temas contemporâneos que remetem diretamente à urgência e às crises. Ao explorar como líderes governamentais de estados relevantes, como Brasil, Estados Unidos da América e França, constroem suas estratégias de discurso sobre esses temas, é possível analisar como atores de diferentes orientações políticas utilizam esse assunto como parte de uma interação com sua própria população, bem como uma expressão da política externa de sua nação. O trabalho busca responder à seguinte questão: quais estratégias discursivas relacionadas às mudanças climáticas são utilizadas por agentes-chave no cenário internacional? Para responder a esta questão, a metodologia adotada foi a análise do discurso e o método comparativo. Ao longo da pesquisa, foram coletados e analisados os discursos oficiais proferidos pelos presidentes e ministros das Relações Exteriores durante os governos Jair Bolsonaro (2018-2022) de Donald Trump (2017-2021) e Emmanuel Macron (2017-2021), atores diretamente envolvidos na política externa dos países comparados, e, como segunda fonte, *tweets* publicados em seus perfis oficiais online no Twitter. Os principais conceitos discutidos são do “*Framing*” (Nisbet; Newman, 2015) e da “relativização dos fatos” nas políticas da pós-verdade (Schindler, 2020) como possíveis estratégias discursivas utilizadas por esses atores. A primeira é uma estratégia usada para impactar a compreensão e o engajamento do público, reenquadrando a comunicação sobre um tema, como a mudança climática, e aplicando preocupações e questões locais com as quais as pessoas têm intimidade, aumentando a eficácia da comunicação. A segunda é uma estratégia muito comum usada por líderes contemporâneos de extrema-direita em muitos assuntos, incluindo mudanças climáticas, quando duvidam de dados científicos sobre o aquecimento global, por exemplo. Após a análise, notou-se que os discursos de Trump e Bolsonaro, ainda que tenham discursos com diferenças, se baseiam na exaltação do nacionalismo assim como na relativização dos discursos científicos e na descredibilização da preocupação internacional com o tema, criando, por vezes, “realidades paralelas” à concreta, caracterizada pela crença de que por trás de dados e acordos internacionais, existem interesses individuais que miram o malefício de seus Estados e da população. Macron, por outro lado, apresenta um discurso mais aprofundado, baseado em argumentos científicos e ferramentas democráticas. No entanto, mesmo com fortes divergências entre as abordagens dos americanos e do francês, todos usam a estratégia do *framing* para conectar as mudanças climáticas com seus interesses nacionais: Trump usa narrativas que entendem políticas climáticas, como o Acordo de Paris, como prejudiciais à economia, energia e trabalho nos EUA, e Bolsonaro conecta temas como desenvolvimento econômico, gestão dos recursos naturais e soberania nacional para convencer seu eleitorado que a ajuda dos países na Amazônia é baseado em interesses externos e prejudiciais ao país, enquanto Macron usa para associar a temas que fará com que a população se mobilize em prol de políticas climáticas, como a temática da saúde, migração e segurança da população.

Palavras-chave: discurso; mudanças climáticas; crise; política externa; análise comparativa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3. MÉTODO	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	40

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF) pelo apoio fornecido para o desenvolvimento da pesquisa e por valorizar pesquisadores/as em seus estudos científicos, este apoio é fundamental em tempos marcados por figuras e grupos que constantemente tentam desacreditar a pesquisa e a ciência. Gostaríamos, também, de agradecer profundamente a nossa orientadora, Prof^a Dra. Aline Maria Thomé Arruda Frattari, que nos deu um apoio inestimável ao longo dessa trajetória, sendo presente em todas as etapas da pesquisa e transmitindo tantos conhecimentos preciosos. Somos muito gratos a essa parceria. Por fim, gostaríamos de agradecer ao Centro Universitário de Brasília (CEUB) e à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela grande oportunidade oferecida anualmente aos alunos da instituição de participarem do Programa de Iniciação Científica.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo busca responder à seguinte questão: quais estratégias discursivas relacionadas às mudanças climáticas e às urgências e crises ambientais são utilizadas por agentes-chave no cenário internacional? Para isso, foram selecionados três países, Brasil, França e EUA, entre o período de 2015 e 2021, nos primeiros anos que se seguiram à assinatura do Acordo de Paris (2015) para a mitigação das alterações climáticas. Muitos foram os eventos, acordos e iniciativas internacionais relacionados à temática que ocorreram durante o período proposto para análise.

Da mesma forma, variações significativas aconteceram na ocupação das lideranças de cada um dos países envolvidos na pesquisa, como o governo Trump nos EUA (2017-2021) substituindo a gestão Obama (2009-2017); a eleição de Emmanuel Macron da França em 2017; a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 e seu alinhamento com a identidade política e estratégias de Trump.

Durante esse período, as questões ambientais levaram a embates públicos entre a França e o Brasil, especialmente, entre 2019 e 2021, orientando, inclusive à restrições pela parte francesa à finalização do acordo entre Mercosul e União Europeia caso o Brasil não respeitasse os termos do Acordo de Paris de redução da emissão de gases a fim de reduzir o aquecimento global (RFI, 2022). Há uma complexidade de interações que envolvem esse debate e influenciam no posicionamento desses países. A inter-relação entre a política doméstica e a internacional abre espaço para uma investigação mais profunda, a fim de entendê-la além do que realmente foi praticado por esses países em seus discursos políticos. Sendo assim, é necessário uma compreensão analítica da política externa dos três países, com um recorte sobre seus discursos relacionados à política climática, assim como posicionamentos concretos a compromissos internacionais.

Os discursos de agentes-chave na política externa dos países no tocante a seu efeito na opinião pública, podem ser relacionados à formação ou ao reforço de percepções de diversos tipos de posições e posicionamentos sociais e políticos. Isso pode gerar um impacto de mobilização e apoio de um público específico e por isso faz parte da estratégia de chefes de Estado, assim como de Ministros de Relações Exteriores dos países, para se dirigirem de determinadas formas a temas diversos e não é diferente quando se trata da questão ambiental. Nessa temática, inclusive, a necessidade de sensibilização para suas

questões levam a, frequentemente, tentativas de construções mentais de diferentes naturezas, porém, focadas em uma ideia de crise e a um caráter de urgência. Ademais, na chamada era da pós-verdade, vemos algumas particularidades dos discursos construídos pela extrema-direita de modo a atender objetivos de exercício de poder e dominação de suas lideranças com uso de estratégias aparentemente críticas e reveladoras de verdades escondidas.

Assim, o estudo tem como foco a análise da política externa que envolve mais especificamente os mandatos de Jair Bolsonaro, no Brasil, Emmanuel Macron, na França, e de Donald Trump, nos EUA. Serão analisados discursos selecionados proferidos pelos próprios presidentes, bem como por alguns de outros agentes políticos importantes, como seus ministros de Relações Exteriores. Os agentes foram escolhidos devido ao protagonismo de seus países nas questões ambientais e no debate sobre mudanças climáticas, bem como por suas posições contrastantes em relação ao Acordo de Paris. O Brasil teve transformações significativas em sua atuação no cenário internacional, especialmente em relação às questões ambientais.

Suas políticas e ações geraram debates intensos sobre a abordagem apropriada para conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Nos últimos anos, a França assumiu um papel de destaque na União Europeia, assim como no mundo, na defesa dos compromissos inerentes à emissão de gases e outros contidos no Acordo. Já os EUA, entre os países desenvolvidos, foram os que mais se posicionaram contra as propostas, chegando a retirar-se do Acordo ao final do mandato de Donald Trump.

O trabalho tem como principal foco destacar a análise das estratégias utilizadas por esses líderes políticos para enquadrar ou relativizar os fatos no contexto da política pós-verdade. É enfatizado ainda a construção dos discursos sobre meio ambiente e mudanças climáticas nos três países. Os líderes políticos usam o enquadramento como uma estratégia para moldar a compreensão e o engajamento do público nas mudanças climáticas e nas questões ambientais. Juntamente com ativistas, jornalistas e outros *'frame builders'*, desempenham um papel crucial na formação da narrativa e do debate público sobre questões ambientais. Além disso, a relativização dos fatos é utilizada como uma estratégia comum na era da pós-verdade, principalmente por lideranças da extrema-direita política. Isso envolve questionar ou duvidar de dados científicos, como o aquecimento global, para apoiar suas próprias agendas. Por meio dessas análises, busca-se

compreender como diferentes orientações políticas utilizam esses sujeitos como parte de sua interação com sua própria população e como expressão de política externa.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Verificar, por meio de análise de discursos oficiais, o posicionamento dos governos do Brasil, dos EUA e da França relacionados à temática da mitigação das mudanças climáticas negociadas multilateralmente entre os anos de 2015 e 2021.

Objetivos específicos

1 - Levantar e analisar os principais discursos proferidos por lideranças significativas para as ações de política externa no Brasil, nos EUA e na França, tais como o chefe de Estado e o Ministro das Relações Exteriores;

2 - Levantar e analisar documentos oficiais dos governos desses três países que representem ações concretas relacionados às mudanças climáticas;

3 - Analisar os principais compromissos multilaterais sobre mitigação das mudanças climáticas firmados entre 2015 e 2021;

4 - Verificar os posicionamentos de política externa relativos às questões ambientais do Brasil, dos EUA e da França entre 2015 e 2021

5 - Verificar regularidades e diferenças entre posicionamentos de dois governos com discursos com características mais nacionalistas e um de orientação mais liberal.

6 - Identificar se a ascensão de governos com discursos nacionalistas e ultraliberais impactaram negativamente nos compromissos desses países

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo tem como principais aspectos conceituais que nortearão nossa análise o conceito de “*Framing*” (Nisbet; Newman, 2015) e a “*Relativização dos Fatos*” na política da pós-verdade (Schindler, 2020) como possíveis estratégias discursivas utilizadas por essas lideranças. A primeira consiste em uma estratégia usada para impactar a compreensão e o

engajamento do público, ‘reenquadrando’ a comunicação sobre um tema, como a mudança climática, e aplicando preocupações e questões locais com as quais as pessoas têm maior intimidade, aumentando a sua eficácia de comunicação. A segunda é uma estratégia muito comum usada por líderes contemporâneos de extrema-direita em muitos assuntos, inclusive mudança climática, duvidando de dados científicos sobre o aquecimento global, por exemplo.

Nesse contexto, a ideia de enquadramento (*framing*) auxilia no entendimento de como se constroem tais estratégias discursivas. Segundo Nisbet e Newman (2015), o *framing* é uma área de pesquisa interdisciplinar útil para diversos tipos de análises. No tocante a como se manifesta no debate público e na cobertura da mídia:

...are interpretive storylines that set a specific train of thought in motion, communicating why an issue or decision matters, who or what might be responsible, and which political options or actions should be considered over others (Nisbet; Newman, 2015 p. 361).

Sua importância se dá justamente por definir quais pontos serão postos em debate, grupos e defensores podem influenciar nessas definições de acordo com seus interesses e até mesmo definir quais são os argumentos legítimos e quais não serão utilizados ou reconhecidos no debate público. Ainda de acordo com os autores, a compreensão de *framing* deve ser de um processo cognitivo, social e político. Ademais, o poder de enquadrar não controla apenas a atenção a um problema em um contexto político ou na mídia, ele também, simultaneamente, enquadra a natureza do problema e o que deve ser feito sobre ele.

Nesse sentido, o papel dos agentes políticos na construção do enquadramento é tão importante quanto o da mídia e dos defensores das questões ambientais. (Nisbet; Newman, 2015 p. 362) Faz-se necessário destacar também que a estratégia discursiva do *framing* não diz respeito a uma orientação política específica, mas sim a como os estudos levam à construção de enquadramentos por ativistas, líderes políticos e jornalistas. Isso quer dizer que líderes políticos são um dos polos responsáveis por conduzir o formato de narrativa divulgado amplamente e que levará ao debate público e a quanto isso será visibilizado e, portanto, pode impactar nas ações concretas do Estado sobre a questão ambiental.

Um outro ponto de destaque é que a mídia e outros ‘*frame builders*’ procuram associar informações complexas sobre problemas ambientais a questões aplicáveis ao dia a dia do público para que sejam introjetadas mais facilmente e para que influenciem mais na

formulação de seus enquadramentos individuais. Em outras palavras, o enquadramento da mídia influencia na percepção pública de problemas ambientais pela conexão de pontos mentais do público. Por outro lado, se um enquadramento desenha conexões que não são relevantes para algum segmento de valores já existentes ou compreensões de um público, a mensagem pode ser ignorada ou não ter significado pessoal para essas pessoas, que diminui a possibilidade de ganho de apoio popular em uma determinada questão. (Nisbet; Newman, 2015 p. 366).

Como seu ponto central, pesquisas se direcionam à identificação e mapeamento de “comunidades interpretativas” de cidadãos que os levam a aceitar ou rejeitar certos argumentos, riscos e dimensões do debate climático. Enquadrar as mudanças climáticas em questões mais familiares de saúde física e mental das pessoas, tais como estresse, asma ou alergias, assim como em impactos geográficos locais mais próximos do público em sua vizinhança ao invés de relacioná-las à região polar ou a animais silvestres, facilita o engajamento.

Segundo os autores, usando como exemplo debate acerca da biotecnologia em alimentos nos EUA, quando um grupo ou coalizão de poder é favorecido pela forma como a política ambiental está sendo feita o enquadramento utilizado na divulgação das informações sobre os temas na mídia, para construções mentais do público acerca dele, tendem a ser mais técnicas, científicas ou legalistas com objetivo de minimizar os riscos de haver questionamentos e cobranças do público sobre necessidade de mudanças e de intervenções do Estado para tal. Já em contextos em que um ou mais desses grupos tem desvantagens na forma como o enquadramento é construído ele tende a reenquadrar um problema ambiental em termos de riscos ou custos dramáticos e em formas morais. Essa estratégia é para modificar o tratamento dado por instituições públicas relacionadas ao tema, como o Food and Drug Administration (FDA) e a Environmental Protection Agency (EPA) nos EUA, assim como o Congresso e a Casa Branca. A ideia é facilitar a mobilização de outras coalizões, da opinião pública por meio da divulgação na mídia .

Nessa lógica, as características de chamar atenção para essas questões remetendo a crises e urgência tende a ser mais utilizada. Nos EUA a difusão pela mídia do enquadramento sobre biotecnologia em alimentos foi mínima, por interesse das empresas do setor. O debate público também foi modesto e os órgãos reguladores atuaram muito

pouco na normatização a respeito destes. Diferente da Europa em que o debate foi intenso, as discussões na mídia, também. A população tem maior consciência de possíveis prejuízos e uma perspectiva mais crítica que influenciou em uma regulação com maior número de normas e ações.(Nisbet; Newman, 2015 p. 363)

Há que se destacar, também, que nos tempos atuais, principalmente nos discursos proferidos alinhados à extrema direita, algumas estratégias são utilizadas para desacreditar a agenda ambiental e de mudanças climáticas. Segundo Schindler (2020), ainda que, aparentemente, a perspectiva apresentada seja crítica e reveladora de uma realidade conspiratória escondida, diferente da colocada nos acordos internacionais e nas medidas propostas para mitigação das mudanças climáticas, essas são, na verdade, ideológicas e falaciosas. Mais do que isso, enquadrando as propostas de mudanças para diminuir a emissão de gases como prejudiciais à população.

O autor destaca ainda que, por mais que as estratégias utilizadas para desqualificar problemáticas relativas ao meio ambiente e ao clima pareçam exclusivas do século XXI, da era da pós-verdade, elas se assemelham muito às utilizadas em regimes totalitários do século XX. Para ele, utiliza-se da mesma lógica de relativização e naturalização (Schindler, 2020, p. 386). Usando novamente um exemplo dos EUA, agora durante o governo Trump, o autor mostra que três principais mecanismos são utilizadas: o negacionismo difundido massivamente aos apoiadores, a construção da ideia de “fatos alternativos” e a difusão da concepção de que não existem verdades, apenas visões acerca de fatos.

Sobre a primeira estratégia, inicialmente é criada uma atmosfera de desconfiança acerca de uma informação como o antropoceno ou as mudanças climáticas. Por vezes, até mesmo agentes políticos, nos EUA já em 2004 alguns representantes do partido Republicano no Congresso, chamados de “*climate sceptics*”, chamavam atenção da população para o que chamaram de “*the lack of scientific certainty*” com o objetivo de libertar as pessoas de acreditarem em fatos objetivos naturalizados que, na verdade, eram “*bad ideological biases!*” - como colocou Bruno Latour (apud Schindler, 2020 p. 384). Ou seja, não eram verdades absolutas, estavam sendo utilizadas para enganar as pessoas, e atribuíam essa naturalização a interesses até mesmo de instituições como a CIA ou a Mossad, Centro de Inteligência de Israel, e se projetavam como portadores da libertação por meio da revelação da verdade. Mais tarde, após 2016, o que muda nessa estratégia é a difusão em massa entre

apoiadores de Donald Trump fazendo com que essa seja uma forma construção de vínculo com a população, especialmente com a parcela simpatizante desse tipo de perspectiva.

Sobre a construção da ideia de fatos alternativos, é a ideia de que mesmo quando algo não se trata de uma verdade, existe uma visão alternativa sobre ele. Sendo assim, não há distinção entre verdade e mentira e sim visões alternativas sobre o mesmo fato. Por exemplo, em 2017, Kellyanne Conway, assessora de Trump, afirma que a posse do presidente eleito em janeiro teve o maior público da história do país. As fotos do evento publicadas pela mídia mostravam claramente que não era. Mas, ela afirmava que, na visão dela, como um “fato alternativo” lá estava o maior público da história de uma posse presidencial. Nesse sentido, isso implica que não há distinção entre fato e mentira, mas apenas uma distinção entre diferentes meias-verdades. ‘A verdade é sempre relativa’ – esta tese abrange o significado mais profundo do que disse Conway (p. 385). Portanto, para reforçar essa ideia, a insistência de que não existe uma verdade, assim como existem “fatos alternativos”, existem apenas visões, narrativas acerca dos fatos que dependem de quem está observando um mesmo fenômeno.

Para Schindler, essa mesma construção discursiva foi utilizada em regimes totalitários, conforme a definição de Hannah Arendt de “emancipação da realidade”. Segundo ela a base fundamental do regime nazista é a construção de um inimigo manipulador do qual a população precisa ser salva, colocando-a em estado de alerta e em constante luta contra ameaças, em busca da verdade, com teorias conspiratórias sendo difundidas, gerando uma paranoia coletiva que dá espaço para manipulação ideológica do povo (apud Schindler, 2020 P. 387). Sendo assim, a relativização dos fatos, aliada à naturalização de crenças (ou “visões alternativas”) deu força à difusão de ideologias totalitárias no século XX e dá força às ideologias de extrema direita na era da pós-verdade. Isso inclui a descredibilização do debate sobre a questão ambiental e as mudanças climáticas.

O trabalho também se apoia no Construtivismo como uma abordagem teórica que enfatiza a importância da linguagem, discurso e identidade na construção da realidade social. Ou seja, para os construtivistas, a realidade é construída por meio de práticas discursivas e de interações sociais. Para a análise de política externa, o construtivismo é bastante relevante, visto que ajuda a explicar como essas práticas dos Estados são moldadas por fatores discursivos e construções socioculturais (Behraves, 2011). Em vez de ver a política externa como um produto de interesses materiais ou de estratégias para se obter poder, o

construtivismo argumenta que as práticas de política externa são moldadas por normas, valores e identidades que são construídos socialmente. O construtivismo é uma abordagem teórica que se desenvolveu em diferentes direções ao longo do tempo, resultando em diferentes abordagens. Para este trabalho, foi usada a abordagem construtivista holística, associada a autores como John Ruggie e Friedrich Kratochwil.

John Ruggie é conhecido por sua teoria da governança global, que argumenta que a política internacional é moldada por normas sociais que são construídas socialmente e podem mudar ao longo do tempo. Ruggie argumenta que a governança global é fundamental para a construção da política internacional e que as normas sociais são fundamentais para a governança global. Friedrich Kratochwil possui uma abordagem mais crítica do construtivismo, que enfatiza a importância da linguagem e do discurso na construção da realidade social. Kratochwil argumenta que a política internacional é moldada por discursos sociais que são construídos socialmente e podem mudar ao longo do tempo (Kratochwil, 2001).

Outras autoras associadas ao construtivismo, e que são de grande importância para os estudos relacionados às análises da política externa, são Martha Finnemore e Kathryn Sikkink, conhecidas por sua teoria da norma internacional. Elas argumentam que as normas são construídas socialmente e podem mudar ao longo do tempo, e que são fundamentais para a construção da política internacional. Para este projeto, é de interesse a exploração acerca do papel que as normas desempenham no processo de mudança no cenário político (Finemore & Sikkink, 1998). O estudo das normas apresenta uma enorme variedade temática, em que os pesquisadores conseguiram fazer diversas investigações nas quais foram capazes de fornecer explicações para o cenário internacional que outras abordagens não conseguiram explicar de maneira satisfatória (Finemore & Sikkink, 1998).

Essa perspectiva situa-se na interseção do construtivismo em nível de unidade – ou do indivíduo – e sistêmico e objetiva superar a divisão entre o doméstico e o internacional ao explicar como as identidades e os interesses do Estado são constituídos. Por essa ótica, seu propósito é de integrar as identidades dos Estados, constituídas domesticamente, e suas identidades sociais impulsionadas internacionalmente em uma perspectiva analítica unificada, tratando o doméstico e o internacional como duas faces de uma única ordem sócio-política (Reus-Smit, 2005).

O construtivismo se desenvolveu em diferentes direções, resultando em diferentes abordagens. A abordagem europeia do construtivismo é analisada como a melhor interpretação para o sucesso dessa pesquisa, visto que presta atenção, em grande medida, ao papel da linguagem, construções linguísticas e discursos sociais na construção da realidade social (Flockhart, 2016). Essa abordagem é dominada por estudiosos pós-positivistas ou interpretativistas que não estão interessados em explicar as causas e efeitos da mudança (de identidade) através de métodos de pesquisa dedutivos, mas explorando as condições de possibilidade para tal mudança e as formas como elas são criadas em primeiro lugar (Flockhart, 2016).

A discussão sobre a importância da linguagem, discurso e identidade na construção da realidade social é uma das principais características da abordagem europeia do construtivismo. De acordo com essa abordagem, a linguagem e o discurso são fundamentais para a construção da realidade social, incluindo a política internacional. Isso ocorre porque a linguagem e o discurso são usados para criar significado e atribuir valor às coisas, pessoas e eventos (Flockhart, 2016).

Além disso, a abordagem europeia do construtivismo argumenta que a identidade é um fator crucial na construção da realidade social. A identidade é criada por meio da linguagem e do discurso, que moldam as percepções e expectativas dos atores em relação a si mesmos e aos outros. Para aplicar o construtivismo na análise de política externa, é necessário analisar como as normas sociais, identidades e discursos moldam a política externa dos Estados (Kratochwil, 1989). Isso pode ser feito por meio da análise de discursos, documentos oficiais, declarações públicas e outras fontes que revelam as percepções e expectativas dos atores em relação a si mesmos e aos outros.

3. MÉTODO

O trabalho proposto neste projeto foi viabilizado por meio de análise de política externa (APE), análise de política externa comparada e a comparação do ponto de vista metodológico, em si. A análise de política externa vem sendo um dos campos mais desenvolvidos nas Relações Internacionais e fundamenta-se como uma área ampla e profícua de entendimento dos posicionamentos dos países no sistema mundial. Conforme coloca Salomon e Pinheiro (2013): “Com efeito, a APE tem como objeto o estudo da política

externa de governos específicos, considerando seus determinantes, objetivos, tomada de decisões e ações efetivamente realizadas”.

Sendo assim, uma vez que foram selecionados três distintos países com políticas externas específicas, a base de comparação se deu pelo posicionamento relativo à discursos realizados no que diz respeito a compromissos internacionais de mitigação das mudanças climáticas. Isso traz a necessidade de focarmos em um campo específico da abordagem da análise de política externa que é a análise de política externa comparada. Conforme já colocado, este campo infere que se leve em consideração tanto o nível da política interna dos países quanto o nível externo, referente à interação com outros países no sistema internacional.

Thus, the study of foreign policy serves as a bridge by analyzing the impact of both external and internal politics on states' relations with each other. Leaders cannot forge effectively evaluate foreign policy choices without recognizing this connections; students cannot effectively evaluate foreign policy choices without recognizing these linkages. (Kaarbo et all 2003, p. 2)

A escolha dos três casos fundamenta-se justamente nesses vínculos entre os três países, especialmente no que diz respeito às relações do Brasil com cada um dos outros dois países em diversas dimensões. Por isso, no momento da análise e da comparação foram considerados os aspectos de vínculo e apoio do Governo Bolsonaro ao Governo Trump e possíveis mudanças em 2021 quando da transição para o Governo Biden. Ademais, os embates entre Emmanuel Macron e Jair Bolsonaro, especialmente entre 2019 e 2021.

Por último, mas como condição fundamental metodológica do trabalho realizado, os princípios da metodologia comparativa orientaram todo o desenvolver do trabalho e a proveram a base de consistência analítica. Foi priorizado o uso da comparação como estratégia de compreensão da complexa realidade acima descrita. Conforme coloca Cardoso de Oliveira (2003): “refiro-me à comparação por "elucidação recíproca", tal como venho designando aquela comparação direcionada para esclarecimento mútuo de entidades cotejadas entre si, também aí focalizando suas semelhanças e diferenças”. Por ter três casos a serem comparados, a riqueza de possibilidades de elucidações ampliou-se ainda mais.

E a questão da ascensão de discursos de extrema direita e dos seus impactos na política externa dos países e, conseqüentemente, da política mundial em geral e, aqui no caso, mais especificamente multilateral, foi enfatizada. Isso porque os compromissos como o

Acordo de Paris, o acordo União Europeia e Mercosul e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são os principais afetados no período e no âmbito das ações dos países analisados e ajudaram a direcionar o foco da análise do trabalho.

Ainda no sentido de enriquecer a análise, conforme coloca Sartori (1997, p.208): “Em primeiro lugar, não está escrito em nenhum livro sagrado que quem compara deve procurar semelhanças e não diferenças. Além disso, as duas operações são complementares”. No caso da pesquisa proposta, a semelhança de orientações, discursos e as ações efetivamente realizadas entre o governo brasileiro e o estadunidense deram um dos tons da análise. Por outro lado, os embates, portanto diferenças, entre Brasil e França no que diz respeito à temática e as consequências para compromissos multilaterais complementam os resultados obtidos.

As fontes primárias para isso foram os discursos oficiais proferidos pelos presidentes da República e respectivos ministros de relações exteriores brasileiros, estadunidenses e franceses, que constam no *website* oficial do Governo nacional de cada um dos países. A partir da pesquisa por palavras-chave como “meio ambiente”, “mudanças climáticas”, “aquecimento global”, “biodiversidade”, entre outras, seguindo a mesma lógica, foram analisados 132 discursos oficiais proferidos entre janeiro de 2015 e dezembro de 2021. Como fontes secundárias de pesquisa, utilizou-se os *tweets* postados nos perfis oficiais dos líderes brasileiro e americano no *Twitter*. A estratégia de pesquisa e análise se manteve para os dois meios, e a utilização da rede social como fonte secundária de análise justifica-se pela crescente influência que ela tem tido sobre campanhas, governança e relacionamento entre líderes políticos e o público nos últimos anos (Bichard; Parmelee, 2011). No que tange à limitação da análise dos perfis online apenas de Bolsonaro e Trump, esta justifica-se pelo fenômeno internacional da extrema direita utilizar as redes sociais para promover seus discursos se aproveitando do algoritmo das redes sociais, a fim de que eles alcancem o maior número de usuários possível, o que tem se concretizado. Para identificar a estratégia *framing*, buscou-se identificar ideias diretamente associadas às palavras-chave relacionadas às questões ambientais nesses discursos, como “segurança alimentar”, “migração”, “refugiados”, “economia” e “trabalho”. No caso da relativização dos fatos, foram investigadas frases relacionadas à descredibilização de estudos científicos sobre meio ambiente e dos acordos ambientais internacionais multilaterais, identificado principalmente nos casos em que o líder associa esses fatores aos interesses particulares de outros atores e

apresenta em seu discurso as consequências negativas deles para a população, criando fatos paralelos que vão de encontro aos abordados científica e internacionalmente - visível nos casos brasileiro e americano -. Nesse sentido, para fins de comparação e comprovação das ideias negacionistas, foram estudadas construções discursivas que apresentam ideias que reforçam a importância da ciência e do multilateralismo mediante as questões ambientais, endossando a realidade concreta, como notado no caso francês.

Como a pesquisa é exploratória para levantamento de dados, prioritariamente, cada um dos alunos envolvidos ficou responsável por desenvolver uma das partes fundantes do trabalho. O aluno bolsista levantou e analisou os discursos proferidos pelos representantes da França e do Brasil. Já o aluno voluntário levantou e analisou os discursos dos líderes dos Estados Unidos. Por fim, ambos compararam os discursos a fim de encontrar correlações entre os discursos relacionados a cada um dos países e, por fim, trazer subsídios para a comparação entre os três países.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caso do Brasil

É possível identificar uma agenda anti ambiental nos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, identificando elementos de populismo-autoritário, negacionismo, nacionalismo e racismo em suas abordagens. Durante seu governo, o ex-presidente foi constantemente alvo de debates e discussões relacionadas a diversos temas, dentre os quais estão as problemáticas ambientais e a Amazônia. O seu posicionamento em relação ao meio ambiente é bastante similar aos de Donald Trump, não somente no quesito das ferramentas utilizadas nos discursos para obter seus propósitos - a relativização de fatos e o *framing* - mas nos padrões utilizados por ambos. Os dois visam adotar essas estratégias de comunicação para influenciar a percepção pública e moldar as narrativas negacionistas da maneira mais favorável possível aos seus interesses. Em adição, ambos apresentam semelhanças ideológicas, principalmente no reacionarismo e na rejeição de normas e valores característicos das democracias liberais.

Bolsonaro frequentemente enfatiza a soberania nacional e a autonomia brasileira em suas abordagens políticas. É destacado a importância de se tomar decisões domésticas sem a

interferência de atores internacionais, principalmente em questões vistas como chaves para o governo à época, como economia, imigração ou as próprias questões ambientais.

Embora se autodenominasse um defensor da liberdade, e contrário à regulação das mídias, Jair Bolsonaro passou grande parte de seu governo atacando as mídias tradicionais, com uma postura bastante crítica em relação à mídia tradicional, muitas vezes rotulando as notícias sobre sua pessoa ou seu governo como *'fake news'*, e questionando frequentemente a sua objetividade e credibilidade. Assim, Bolsonaro frequentemente afirmava que as notícias sobre ele eram manipuladas ou falsas, a fim de prejudicar sua imagem.

Na ONU deixei bem claro quem era o Brasil. E como eu fui criticado pela mídia do Brasil. Eu dei graças a Deus, porque era sinal que estava no caminho certo. Quero uma imprensa livre e independente, mas uma imprensa voltada para a verdade (Bolsonaro, 2019c).

Essa ferramenta, utilizada pelo ex-presidente desde a época das eleições de 2018, permitiu a construção de um relacionamento mais direto e comovente com seus fiéis seguidores, contornando as fontes de informações mais convencionais. Com isso, a fim de evitar esses meios tradicionais, foi utilizado ativamente as redes sociais - especialmente o Twitter - para se comunicar diretamente com seus adeptos. Essa manobra permitiu que Bolsonaro moldasse as narrativas de acordo com suas perspectivas traduzidas em suas mensagens na internet.

Fazendo referência ao livro *Como as Democracias Morrem* (2018), de Daniel Ziblatt e Steven Levitsky, Bolsonaro se apresentou ao seu eleitorado como um *'outsider'* e crítico à elite política dominante no Brasil, criticando a corrupção endêmica e prometendo uma nova forma de fazer política. Os *outsiders* são considerados como aqueles que apresentam uma aparente falta de aproximação com a atividade política contemporânea, elegendo-se sob um discurso de renovação política (Levitsky; Ziblatt, 2018). Ele usufruiu de uma retórica populista para se conectar com eleitores insatisfeitos, prometendo uma abordagem mais direta e combativa em relação aos problemas do Brasil, atraindo apoio de eleitores que se sentiam marginalizados pelas elites políticas anteriores. Os *outsiders* conseguem alcançar expressiva popularidade na sociedade, principalmente através de discursos nacionalistas, com viés autoritário, que cativam aqueles descontentes com o cenário político-econômico doméstico (Levitsky; Ziblatt, 2018). Devido a sua facilidade em envolver uma grande parcela do eleitorado, muitos políticos tradicionais se aliam aos *outsiders*, aproveitando de sua

popularidade do momento para angariar mais votos.

No entanto, durante sua campanha presidencial, Bolsonaro obteve apoio de segmentos das elites políticas, econômicas e sociais, que viam nele uma oportunidade de promover suas agendas, incluindo a flexibilização de regulamentações e reformas econômicas. Assim, uma vez eleito, Bolsonaro passou a exercer o poder e tornou-se parte da própria elite política que tanto criticava, além de tornar mais visível suas tendências autoritárias. As elites são definidas como pessoas e grupos que ocupam posições de poder e influência na sociedade. Elas incluem políticos, empresários, líderes de partidos políticos e outros indivíduos que têm a capacidade de tomar decisões que afetam o funcionamento do sistema político e econômico. Aqui, é explorada a desconfiança do público em relação à política brasileira, com muitos frustrados e desgastados politicamente com o Impeachment da presidente Dilma. Esse cenário de uma identidade política enfraquecida no Brasil, foi oportuno para alavancar e reforçar sua imagem como um novo 'messias' para o país, aumentando sua popularidade em todos os cantos do Brasil.

Outro ponto de destaque das estratégias de Bolsonaro se relaciona com a importância dada à economia nacional e à criação de empregos, associando suas políticas a um desejo de proteger os interesses econômicos do Brasil - isso foi bastante presente durante a pandemia da COVID-19, em que Bolsonaro encorajou as pessoas a saírem de casa para trabalhar em prol da economia do país -. O ex-presidente frequentemente apresentava ao seu público a ideia de que ao manter as atividades econômicas, os brasileiros não iriam perder seus empregos e a produção cresceria, criando um cenário positivo mesmo durante uma crise de saúde pública. Além disso, há um viés nacionalista nesses seus posicionamentos, relacionando à ideia de que a economia do país precisava continuar funcionando para preservar sua autonomia e independência. Assim, a mensagem transmitida era para que a nação não se rendesse ao medo e perigo da pandemia, mas demonstrar resiliência e determinação para manter as atividades em andamento - alinhando com um senso maior de soberania e resgatando o orgulho nacional-.

Relacionado a isso, Bolsonaro expressou diversas vezes seu ceticismo em relação às instituições internacionais e aos acordos multilaterais, questionando a validade e a eficácia desses mecanismos. Um exemplo marcante ocorreu durante a cúpula do G7 em 2019, quando houve preocupações de diversos atores internacionais em relação aos incêndios e altos índices de desmatamento na Amazônia, que marcaram toda a gestão Bolsonaro. A

postura do ex-presidente foi de desconfiança, acusando os líderes mundiais de interferirem nos assuntos internos do Brasil e de estarem infringindo a soberania nacional sobre a Amazônia. “A exploração racional e sustentável dos incomensuráveis recursos presentes no território brasileiro, em prol de nossa sociedade, é uma prioridade nossa (Bolsonaro, 2020b).”

Assim, foi dito por ele que o Brasil deveria ser soberano nesse assunto e ter autonomia para tomar decisões sobre a gestão de seu território e exploração de seus recursos naturais, argumentando que essas preocupações internacionais eram motivadas por interesses próprios dos entes internacionais ou pelo desejo de exercer controle sobre a região amazônica.

A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil (Bolsonaro, 2020a).

Desde o início do governo, houve uma intensa agenda de desconstrução das políticas ambientais. Mesmo que a aglutinação dos ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura não tenha sido formalizada, a atuação do ministro Ricardo Salles, que foi nomeado para o Meio Ambiente mesmo sem possuir conhecimento técnico sobre a pauta ambiental, mostrou-se alinhada aos interesses do setor ruralista, que apoiou Bolsonaro na campanha, e buscou enfraquecer a fiscalização e deslegitimar os organismos de controle do desmatamento ilegal na Amazônia.

Bem, lamentavelmente,[...], veio a indústria das demarcações de terras indígenas. E nós temos o estado do Amazonas hoje, a maior parte, tomado por reservas indígenas, áreas de proteção ambiental, estações ecológicas, parques nacionais, entre outras políticas ambientalistas que, em parte, prejudicaram o crescimento do nosso Brasil (Bolsonaro, 2019c).

Bolsonaro apresentou um lado bastante cético sobre as mudanças climáticas. Nesse sentido, fica sugerido que os dados científicos sobre as mudanças climáticas eram muitas vezes distorcidos por interesses políticos ou econômicos, levantando dúvidas sobre a veracidade das informações científicas. Essa atitude demonstra como Bolsonaro minimizava a importância das ações para combater as mudanças climáticas e políticas ambientais, no geral.

Tanto é que há pouco tempo, quando eu falei em legalizar o garimpo até em terra indígena, eu fui massacrado por essa mesma mídia que está aí. Hoje, se o garimpo é ilegal, nós queremos legalizar. O que é legalizar? É ouvindo o Parlamento. Eu não vou tomar nenhuma decisão usando uma caneta compacta, ou caneta Bic, tá? E

isso daí está bastante avançado no Ministério das Minas e Energia, pretendemos apresentar brevemente essa proposta (Bolsonaro, 2019a).

Bolsonaro usa de forma estratégica a desinformação como uma tática para atacar esses dados científicos e históricos, bem como àquelas instituições ou organismos que representam a ciência e/ou os meios de comunicação. Isso envolve a disseminação de informações falsas e distorcidas para minar a credibilidade dessas fontes, mesmo que sejam advindas da própria administração governamental federal. Quando o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revelou um aumento do desmatamento na Amazônia, Bolsonaro afirmou que aqueles números eram falsos. Essas ações e declarações foram criticadas por veículos de imprensa nacionais e internacionais, que destacaram a postura anti-ambiental e autoritária do presidente.

Em adição, complementa essa estratégia a criação de inimigos, incluindo ataques a minorias, principalmente as populações tradicionais e grupos étnico-culturais historicamente marginalizados, ONGs e ativistas, buscando deslegitimar suas ações e silenciar vozes críticas.

Há pouco sofri sérios ataques na questão do desmatamento da Amazônia. Depois, na questão de focos de incêndio. Agora, pago um preço sobre óleo derramado, de forma criminosa, no meu entender, na costa do Brasil. Aos poucos a verdade aparece. Na época, há dois meses, falei que a questão de queimadas eram patrocinadas, sim, por ONGs. Eu conheço essa raça. Tirando as exceções, eu conheço esse pessoal. E, agora, a Polícia Civil do Pará concluiu um inquérito apontando para ONGs, para uma ONG, queimadas na Região Amazônica (Bolsonaro, 2019c).

Essa estratégia serve para criar todo um sentimento de divisão e hostilidade na sociedade brasileira e está relacionado às suas ações e declarações que descredibilizam a importância da proteção ambiental. Um exemplo coletado foi o discurso de Bolsonaro na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2019, em que ele responsabilizou populações tradicionais pelos incêndios na Amazônia, afirmando que os incêndios acontecem nos mesmos lugares onde indígenas e quilombolas viviam.

A visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes alguns desses líderes, como o cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia. Infelizmente, algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas (Bolsonaro, 2019b).

Bolsonaro enfatizou em seus discursos a soberania nacional e a proteção dos interesses do Brasil, muitas vezes às custas da cooperação internacional em questões ambientais. Ele

defendeu a exploração econômica dos recursos naturais do país sem levar em consideração os impactos ambientais e sociais. O presidente também adotou uma postura racista no contexto ambiental ao responsabilizar as populações tradicionais pelos problemas ambientais, ignorando a importância desses grupos na preservação e sustentabilidade dos ecossistemas.

A flexibilização das regulamentações ambientais e o apoio institucional dado à exploração de recursos naturais na região amazônica podem ser entendidos como decisões baseadas em uma ética de convicção (Weber, 2013) que prioriza o desenvolvimento econômico sobre a conservação ambiental, mesmo que isso tenha gerado implicações negativas para o meio ambiente e para a imagem internacional do Brasil. Ou seja, suas ações, guiadas por princípios, valores e convicções pessoais, são baseadas em uma forte crença do 'como se deve ser', se mantendo firme no caminho que ele acreditava ser o melhor - ou foi influenciado para pensar desse jeito -, independentemente das consequências da escolha que se fez (Weber, 2013).

A falta de responsabilidade é marcante nas ações de Bolsonaro, sem avaliar suas atitudes com base nas prováveis consequências (Weber, 2013). Ou seja, ele não considerou nem os resultados ou as consequências de suas ações como o principal critério para a tomada de decisão. Assim, suas ações podem ter consequências significativas no longo prazo para o meio ambiente brasileiro - quiçá internacional - desde as consequências das mudanças climáticas, perda da biodiversidade e impactos na saúde pública nacional. A irresponsabilidade de Bolsonaro, ao desconsiderar as implicações futuras de suas políticas, demonstra que ele não era um líder pragmático ou flexível quando necessário fosse para ajustar suas políticas (Weber, 2013). Bolsonaro não demonstrou disposição em tomar decisões que podiam não estar alinhadas com suas crenças pessoais, mesmo que isso pudesse gerar conflitos, contradições ou resultados inesperados.

Ao descartar evidências científicas e promover teorias da conspiração, Bolsonaro contribuiu para um clima de desconfiança em especialistas e instituições e tornou mais difícil abordar de maneira eficaz questões importantes como proteção ambiental e saúde pública. Bolsonaro contribuiu para o fortalecimento da crença de que o conhecimento e a verdade são subjetivos e influenciáveis, havendo múltiplas interpretações e versões da realidade para se adequar a uma narrativa ou agenda específica (Schindler, 2020). Nesse contexto, a relativização dos fatos torna-se um aspecto central de seu pensamento ideológico. Além

disso, Bolsonaro manipula os fatos e utiliza da desinformação para moldar a opinião pública brasileira.

Historicamente, o Brasil é voz ativa na construção da agenda ambiental global. Renovo, hoje, essa credencial, respaldada tanto por nossas conquistas até aqui quanto pelos compromissos que estamos prontos a assumir perante as gerações futuras. [...] O Brasil participou com menos de 1% das emissões históricas de gases de efeito estufa, mesmo sendo uma das maiores economias do mundo. No presente, respondemos por menos de 3% das emissões globais anuais. [...] Medidas de comando e controle são parte da resposta. Apesar das limitações orçamentárias do Governo, determinei o fortalecimento dos órgãos ambientais, duplicando os recursos destinados às ações de fiscalização (Bolsonaro, 2021).

Esse discurso, feito durante a Cúpula do Clima de 2021, organizada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, é o exemplo perfeito da maquiagem que Bolsonaro fazia em seu governo, com falas, promessas e resultados que pareciam que ele vivia em uma realidade paralela. Por exemplo, Bolsonaro destinou, para o ano de 2021, o menor orçamento dos últimos 20 anos para os órgãos de fiscalização ambiental. Para o ano, foi colocado R\$ 1,72 bilhão ao Ministério do Meio Ambiente, uma redução em 27,4% em comparação com 2020 (Dantas, 2021). Além disso, Bolsonaro deixou R\$ 2,9 bilhões congelados no Fundo Amazônia desde o início de seu mandato (G1, 2020). Outro ponto de destaque foi o uso de dados ultrapassados por Bolsonaro, anteriores ao seu próprio governo, como se fosse uma gestão realmente preocupada com as questões ambientais. Seus discursos trouxeram apenas dados em formato de porcentagens - que estavam incorretos -, ao invés de números absolutos, fazendo com que o seu eleitorado, e a sociedade brasileira no geral realmente acreditasse que a situação do país em relação a pauta climática era positiva.

Assim, fica evidente a materialização da política na era da pós-verdade e o quão forte está essa indistinção entre o que é fato ou mentira. A verdade é cada vez mais percebida como relativa, ou como meias-verdades, e acabam sendo mais enfatizadas no lugar dos fatos objetivos e científicos. Alinhado a isso, está a crescente dos movimentos de direita populistas, que atraem o apoio daquelas pessoas que se sentem excluídas ou desconfiadas das elites dominantes. Esse cenário polarizado e desordenado contribui para o surgimento dessas políticas da pós-verdade, onde todos agem com certa ignorância e descaso (Schindler, 2020).

O caso dos Estados Unidos

A ascensão do movimento *alt-right* nos Estados Unidos trouxe mudanças significativas no sistema internacional, desafiando as categorias políticas estabelecidas dentro do *status quo* democrático. Quando se reflete sobre as principais características da direita política tradicional, é possível perceber a defesa de princípios e diretrizes pró-mercado de capital, a favor da ciência e tecnologia e, principalmente, com medidas consideradas anti-ambientais, que tratam a temática com certa indiferença ou simplesmente não tratam do assunto em sua agenda (TAYLOR, 2019). Assim, o movimento ambientalista continua sendo um tema contestado dentro da ala da direita política.

Contudo, é perceptível que no contexto da pós-verdade, uma nova vertente da direita política surgiu e ganhou forças dentro do sistema. Contudo, a 'direita alternativa' tornou essa temática ecológica mais receptiva dentro de seus discursos. A *alt-right*, ou direita alternativa, é um movimento político que surgiu nos Estados Unidos e desafiou as categorias políticas e ideológicas estabelecidas no *mainstream*. A *Alt Right* nasceu como uma alternativa ao neoconservadorismo da era Bush-Cheney (2001-2009), quando o ideal do antiambientalismo se enraizou dentro do Partido Republicano norte-americano (Ahab, 2017). A preocupação com o meio ambiente é, portanto, uma questão importante para se distinguir dos conservadores convencionais.

A fonte que impulsiona essa corrente política advém do questionamento e crítica à ordem estabelecida, baseando-se na ideia que a ordem existente, tanto liberal quanto conservadora, está inadequada, e se fortalecendo ao desafiar e propor uma alternativa a ela (Taylor, 2019). Essa crítica envolve aspectos como descontentamento com políticas vigentes, desconfiança em relação às instituições estabelecidas e uma visão de mundo que busca mudanças significativas no *status quo* político.

A direita alternativa é composta por grupos diversos e divididos internamente, mas muitos deles são atraídos pelo pensamento reacionário que ataca a democracia liberal progressista, o conceito do Estado democrático e o capitalismo global. Em complemento, a *alt-right* acha atraente a composição demográfica predominantemente branca do movimento ambiental, alinhando-se com sua ideologia nacionalista branca. Assim, ela reconhece o movimento ambientalista como um espaço em que podem promover suas ideologias de supremacia branca, entendendo ambientalismo como o "último bastião da brancura implícita" ("*the last bastion of implicit whiteness*") (Ahab, 2017, p. 278) e o usam como uma plataforma para defender sua agenda racista e nacionalista. Esse alinhamento

com o movimento ambiental permite que a alt-right se apresente como defensora da natureza, ao mesmo tempo em que promove sua ideologia nacionalista branca. Assim, ressuscitou-se tradições mais antigas da direita, presentes nas alas antimodernistas, revolucionárias e fascistas que permaneceram marginais em todo o movimento conservador norte-americano.

Surpreendentemente, a mudança climática não parece ser um tema central, provavelmente devido às visões conflitantes internas, onde alguns contestam a mudança climática como uma mentira 'marxista cultural', enquanto outros aceitam sua existência, mas direcionam a culpa para questões como a imigração, o terceiro mundo ou o 'globalismo' (Taylor, 2019, p. 287). Contudo, o resultado disso acaba sendo um grande coletivo que pode acomodar ambas as visões, pois acabam acreditando que as políticas da *Alt-Right* terão um impacto positivo no meio ambiente (Evolalinkola, 2017).

A direita alternativa aborda uma sensação generalizada de crise social e ecológica em um mundo que enfrenta as mudanças climáticas, oferecendo novas ideologias que rejeitam o Estado como fonte viável para a renovação social, ecológica e econômica. Assim, à medida que as crises sociais e ecológicas continuam a se aprofundar e com poucas alternativas políticas à vista, a direita alternativa provavelmente continuará crescendo. Assim, o momento político internacional atual assiste às instituições políticas, partidos e ideologias existentes perderem legitimidade ou entrarem em colapso, abrindo um novo terreno discursivo para atores de esquerda e direita para oferecer novas visões políticas e interpretações dos eventos. Por exemplo, a onda global de populismo de extrema-direita na Europa e a eleição de Trump nos Estados Unidos revelaram a profunda insatisfação com o *status quo* e as visões anteriormente normalizadas.

O neoliberalismo, com sua ênfase na lógica de mercado e na priorização da eficiência econômica, acabou subordinando os valores democráticos, produzindo subjetividades 'anti-democratizadas' (Brown, 2006). Ou seja, os agentes foram moldados por um mundo social carente de sentido normativo devido ao foco nas forças de mercado e no individualismo, deteriorando os valores e princípios que sustentam a democracia. Nesse contexto, o neoconservadorismo surge como uma resposta a esse vazio ético criado pelo neoliberalismo, ignorando os valores democráticos e compreendendo autoritarismo militar-cristão (Brown, 2006).

A direita alternativa adiciona uma dimensão ecológica a essa crítica do neoliberalismo progressista, culpando os problemas ambientais pela forma de capitalismo identificada pela esquerda e os grupos que ela defende (Mix, 2009). Entendido como 'o inimigo' pela direita alternativa, o neoliberalismo progressista consiste em uma aliança dos movimentos sociais - feminismo, anti-racismo, multiculturalismo e direitos LGBTQAI+ - e de determinados setores empresariais, como *Hollywood* (Fraser, 2017).

A formação desse grupo político descreve apropriadamente o paradigma político de Clinton-Obama, que emancipou uma grande parcela de classe trabalhadora ao mesmo tempo em que distendeu as características mais cruéis do capitalismo. Esse conjunto de ações criou uma dinâmica social ideal para o desenvolvimento de um discurso político de uma direita populista, que utiliza a estratégia de bode expiatório para redirecionar a frustração e a raiva do público-alvo para comunidades marginalizadas, como imigrantes e pessoas de cor. Assim, a direita alternativa apresenta-se como a solução para os problemas que eles atribuem a esses grupos-alvo, consolidando cada vez mais seu poder. De acordo com Fraser (2017), ao:

Rejeitar a globalização, os eleitores de Trump também repudiaram o cosmopolitismo liberal identificado com ela. Para alguns (embora não para todos), foi um pequeno passo para culpar o politicamente correto, pessoas de cor, imigrantes e muçulmanos pela piora de suas condições.

Com isso, os laços do governo Trump com a *alt-right* foram amplamente documentados, havendo semelhanças nas ideias e crenças da *alt-right* e do governo Trump (Main, 2017). Isso significa dizer que não há apenas um discurso ou uma linguagem compartilhada entre a direita alternativa e Trump, mas também um compartilhamento de indivíduos que estão envolvidos.

Nesse sentido, ao analisar os discursos de Donald Trump, nota-se uma postura que contesta a existência das mudanças climáticas, como se fossem uma falácia, utilizando da narrativa de que os Estados Unidos e sua população terão seu estilo de vida, desenvolvimento e segurança ameaçados com as políticas climáticas internacionais (Taylor, 2019). Associado a isso, Trump expressou seu ceticismo em relação à mudança climática, classificando-a como uma farsa criada pelos chineses para tornar a indústria manufatureira dos EUA menos competitiva (Twitter, 2016). Os custos econômicos e a segurança militar associados à implementação de políticas de mitigação das mudanças climáticas ambiciosas continuam sendo as grandes influências nas tomadas de decisão (Workman et al., 2018).

Em seus discursos oficiais, Trump argumenta que o Acordo de Paris coloca os Estados Unidos em uma grande desvantagem econômica, prejudicando os trabalhadores e contribuintes americanos e levando à perda de empregos, salários menores e uma produção econômica reduzida. Utilizando de uma retórica que enfatiza que sua principal consideração como presidente é o bem-estar dos cidadãos americanos, Trump acredita que o Acordo de Paris não prioriza os interesses americanos e, como resultado, dificulta colocar a América em primeiro lugar. O Acordo também traria obstáculos para os Estados Unidos e os impediria de conduzir seus próprios assuntos domésticos.

Em um discurso realizado na Casa Branca em Junho de 2017, Trump faz uma ligação entre os interesses norte-americanos com as mudanças climáticas através do processo de *framing*. Nesse viés, o discurso ecológico é utilizado por Trump para ganhar um maior apoio e ‘enquadrar’ sua ideologia política antimodernista, nacionalista e de supremacia branca. Trump enquadra a natureza como o representante de uma ordem hierárquica atemporal que atrapalha a modernidade, entendendo o meio ambiente como um aspecto que gera a decadência e a fraqueza do Estado:

As President, I can put no other consideration before the wellbeing of American citizens. The Paris Climate Accord is simply the latest example of Washington entering into an agreement that disadvantages the United States to the exclusive benefit of other countries, leaving American workers — who I love — and taxpayers to absorb the cost in terms of lost jobs, lower wages, shuttered factories, and vastly diminished economic production. Thus, as of today, the United States will cease all implementation of the non-binding Paris Accord and the draconian financial and economic burdens the agreement imposes on our country. This includes ending the implementation of the nationally determined contribution and, very importantly, the Green Climate Fund which is costing the United States a vast fortune (Trump, 2017a).

Assim, ele utiliza o *framing* para desviar a responsabilidade pelos problemas ambientais das questões de consumo excessivo ou capitalismo. Em vez disso, se concentra em argumentos de que o Acordo de Paris impôs duras restrições econômicas aos Estados Unidos, enquanto beneficia outros países. Trump alega que os Estados Unidos são considerados o líder mundial em proteção ambiental, e o Acordo de Paris não impunha obrigações significativas aos principais poluidores do mundo:

[...] under the agreement, China will be able to increase these emissions by a staggering number of 13 years. They can do whatever they want for 13 years. Not us. India makes its participation contingent on receiving billions and billions and billions of dollars in foreign aid from developed countries. [...] But the bottom line is that the Paris Accord is very unfair, at the highest level, to the United States. [...] China will be allowed to build hundreds of additional coal plants. So we can't build

the plants, but they can, according to this agreement. India will be allowed to double its coal production by 2020. Think of it: India can double their coal production. We're supposed to get rid of ours. Even Europe is allowed to continue construction of coal plants (Trump, 2017a).

O ex-presidente enfatizou que sua principal preocupação como presidente era o bem-estar dos cidadãos americanos. Ele afirmou que não poderia apoiar um acordo que acreditava prejudicar a economia dos Estados Unidos e colocar os trabalhadores americanos em desvantagem, enfatizando seu compromisso de colocar a 'América em primeiro lugar':

The Paris Agreement handicaps the United States economy in order to win praise from the very foreign capitals and global activists that have long sought to gain wealth at our country's expense. They don't put America first. I do, and I always will (Trump, 2017a).

Associado a esse discurso, ele utilizou-se da data comemorativa do Dia da Terra (22 de Abril), durante todos os anos de sua administração, como palco para criar uma narrativa ecológica de sua gestão, associando aspectos religiosos-cristão com a proteção do meio ambiente norte-americano e na defesa dos trabalhadores e empresas americanas. No ano de 2017, Trump enfatizou que:

Our Nation is blessed with abundant natural resources and awe-inspiring beauty. Americans are rightly grateful for these God-given gifts and have an obligation to safeguard them for future generations. My Administration is committed to keeping our air and water clean, to preserving our forests, lakes, and open spaces, and to protecting endangered species. [...] We can and must protect our environment without harming America's working families. That is why my Administration is reducing unnecessary burdens on American workers and American companies, while being mindful that our actions must also protect the environment (Trump, 2017b).

Outra estratégia utilizada por Donald Trump em seus discursos era a de promover uma inversão de valores, desvalorizando a ciência em favor de suas ideologias próprias e interesses políticos. Sua abordagem muitas vezes desconsiderava a importância das evidências e instituições científicas, propondo cortes significativos no financiamento de agências científicas, prejudicando a capacidade do governo de tomar decisões informadas e baseadas em dados:

Rigorous science is critical to my Administration's efforts to achieve the twin goals of economic growth and environmental protection. My Administration is committed to advancing scientific research that leads to a better understanding of our environment and of environmental risks. As we do so, we should remember that rigorous science depends not on ideology, but on a spirit of honest inquiry and robust debate (Trump, 2017b).

Em complemento, Trump demonstrou uma tendência de nomear agentes em seu governo que eram céticos em relação à ciência em seus mais diversos campos. Por exemplo, nomeou Scott Pruitt, que tinha um histórico de questionar o consenso científico em relação às mudanças climáticas. Pruitt era um crítico da Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA), e foi escolhido para liderar a agência, colaborando para enfraquecer várias regulamentações ambientais durante o mandato de Trump.

Assim, o negacionismo estava presente no interior do governo norte-americano, principalmente no que tange às questões ambientais, difundindo suas narrativas que relativizam os fatos científicos a partir de argumentos populistas e apoiado por uma base eleitoral ingênua, devido a um forte sentimento de identificação pessoal com Donald Trump, que compartilham valores e frustrações. Por ser um candidato antissistema, criticando tanto os democratas quanto os republicanos tradicionais, suas mensagens ressoavam em muitos eleitores descontentes com a política convencional e que buscavam uma mudança radical.

A veiculação de notícias falsas e constantes ataques à mídia promoveu uma narrativa de que Trump era vítima de uma enorme conspiração para difamá-lo. Muitas de suas queixas não eram detalhadas, mas utilizava uma retórica de manipulação da verdade, que deixava sua multidão irritada com esses meios de comunicação. Essa retórica levou a um sentimento de desconfiança das informações fornecidas pelos meios tradicionais, fazendo com que o público buscasse fontes alternativas, muitas vezes propagando teorias da conspiração e desinformação. Assim, rotulada como a 'inimiga do povo americano', a mídia - apenas a parcela que criticava o ex-presidente -, sofreu com uma deslegitimação nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que Trump tentava minar a liberdade de imprensa:

[The media] doesn't represent the people; it never will represent the people. [...] And we're going to do something about it, because we have to go out and have to speak our minds, and we have to be honest (Trump, 2017c).

Em síntese, os discursos de Donald Trump demonstraram uma priorização em administrar o governo federal em prol dos contribuintes norte-americanos, buscando uma maior eficiência e defesa dos seus setores estratégicos nacionais. Trump quer garantir energia confiável e acessível para alimentar o crescimento econômico, acabando com regulamentos intrusivos “que matam empregos e aumentam os preços da energia” (Trump, 2018). Ele coloca os empregos americanos em primeiro lugar e visa expandir a produção de

energia e aumentar a manufatura nos Estados Unidos, criando mais empregos em infraestrutura, transporte rodoviário e manufatura (Trump, 2019).

Em seu discurso proferido em 2019 sobre a liderança ambiental do país, Trump saiu em defesa do potencial energético dos Estados Unidos e dos trabalhadores, produtores e fabricantes. Utilizando de afirmações falsas que suas políticas ambientais estavam tendo resultados positivos, Trump ganha um forte apoio de sua base aliada, principalmente daqueles que se beneficiam de políticas ambientais mais frouxas, valendo-se de uma narrativa que os norte-americanos estão sendo punidos, e que não será assim que o mundo terá um meio ambiente mais saudável:

The previous administration waged a relentless war on American energy. [...] They sought to punish our workers, our producers, and manufacturers with ineffective global agreements that allowed the world's worst-polluting countries to continue their practices. These radical plans would not make the world cleaner; they would just make and put Americans out of work, and they put them out of work rapidly. [...] Punishing Americans is never the right way to produce a better environment or a better economy. We've rejected this failed approach, and we're seeing incredible results (Trump, 2019).

Toda essa narrativa ilustra o movimento da construção dos discursos e do tipo de *framing* proposto por Donald Trump. O direcionamento de seus pronunciamentos em prol da defesa do setor produtivo e do trabalhador norte-americano demonstra como Trump constrói a relação com seu frustrado eleitorado.

O caso da França

As democracias liberais, principalmente depois do Acordo de Paris (2015), têm assumido uma postura de defesa de pautas relacionadas à proteção do meio ambiente e ao combate às mudanças climáticas a nível nacional e internacional. A União Europeia, como bloco que reúne muitos desses países, assume a liderança nessa temática, propondo discussões e medidas inovadoras para alcançar objetivos para o desenvolvimento sustentável. Porém, ainda que seja um único bloco, alguns países que o compõem assumem o protagonismo nesse sentido, como a França.

A estratégia utilizada por Emmanuel Macron, Presidente do país, e por Jean-Yves Le Drian, Ministro para Europa e Relações Exteriores, para concretizar suas ações e convencer a população e os outros governantes sobre suas convicções, tem origem no discurso. É por meio da linguagem persuasiva (Behraves, 2011) e argumentativa utilizada por esses atores

que as medidas pró ambientais sugeridas por eles ganham significado para os outros tomadores de decisões, que aderem às sugestões em diferentes medidas, seja pela criação de leis e metas nacionais ou pela adesão a tratados e acordos internacionais - ou seja, a construção de significados provoca efeitos concretos nas políticas internas e externas de um país (Pinto, 2009). No caso dos líderes franceses, não apenas a técnica do *framing* é utilizada para atingir esses objetivos, mas também a associação do tema à situação de crise e urgência.

Em seus discursos oficiais, Macron e Le Drian frequentemente estabelecem um vínculo entre questões ambientais e outras temáticas como a migração, a segurança alimentar, a saúde e o comércio, baseando-se em estudos e dados científicos. A estratégia tem como finalidade a unificação dessas agendas, já que alguns desses temas têm maior potencial de sensibilizar as pessoas, enquanto este não é o caso do meio ambiente. Isso acontece porque, para o cidadão, essas questões parecem ser mais recorrentes em seu cotidiano do que os efeitos das mudanças climáticas, por exemplo.

Nesse sentido, ao falar na Opening ceremony of the IUCN (International Union for Conservation of Nature) World Conservation Congress de 2021, Macron estabelece uma ligação entre a pandemia do Covid-19 e a questão ambiental:

It is clear that climate, nature and humanity are inseparable. [...] When we took a One Health initiative, it was really to put these agendas at the heart and resynchronize. But it is clear that everything is linked. And you have all reminded us of this. So, there is a worrying side of this link, it is somehow that the situation of the planet being known, we know that we can not live well and healthy in a sick planet and there is no vaccine against a sick planet. Bad news. But besides that, if there is a collective mobilization and if we manage to recreate a virtuous dynamic, a virtuous cycle, the accelerating effects are there (Macron, 2021).

Nesse caso, ao iniciar a fala unificando o clima, a natureza e a humanidade, o presidente “prepara o terreno” para introduzir o principal link estabelecido em sua fala: a saúde e o meio ambiente. Ele tem como objetivo mostrar a necessidade de se lidar adequadamente com as problemáticas ambientais rapidamente, já que a destruição do planeta é um processo que inevitavelmente atingirá os seres humanos e não haverá como prevenir esses impactos, como a vacina combate o vírus pandêmico. Essa estratégia foi uma forma de sensibilizar os ouvintes, visto que a saúde é um tema de extrema importância e

sensibilização social, principalmente em 2021, um dos anos do ápice da pandemia, no qual a maioria das pessoas estava aterrorizada com as consequências da contaminação pelo vírus, que causava grande número de mortes pelo mundo.

Ou seja, o ouvinte foi induzido a pensar em questões como: ‘muitas pessoas estão com a saúde debilitada e até mesmo morrendo em decorrência da contaminação pelo vírus, mas com o desenvolvimento da vacina, esse número poderá ser reduzido e as pessoas estarão protegidas. A devastação ambiental, por sua vez, pode causar uma crise tão forte quanto a da pandemia e não haverá como se proteger disso, porque não haverá vacina para isso, como para o vírus.’. Assim, Macron abre um caminho no qual é possível as pessoas entenderem a gravidade da situação ambiental e a possível crise que ela pode gerar, ao associá-la com a pandemia do Covid-19.

Outro exemplo do uso do *framing* no discurso do presidente se dá na Conferência das Partes (COP) 23 em 2017, na qual Macron afirma:

The balance of the planet is ready to break, as reflected in the warming of the oceans or the disappearance of many endangered species. This affects all of humanity, especially the most vulnerable populations. Because climate change adds injustice to injustice, adds poverty to poverty, adds insecurity to insecurity. It particularly affects those who are already the most fragile. [...] The IPCC is one of the major components of this work. [...] We need to speed up the effective implementation of the Paris Agreement and therefore make commitments that will involve the responsibility of governments, local authorities, the private sector; This is primarily the objective of the negotiations that you are conducting, Mr President, and I hope that all countries will assume their responsibility so as not to call into question the balances decided two years ago (Macron, 2017a).

É possível perceber que, nesse discurso, é criada a relação entre tópicos muito importantes - a pobreza e a fome - e o meio ambiente. Aquelas duas problemáticas despertam medo e preocupação nas pessoas, já que são situações visivelmente reais há muito tempo. Ou seja, os indivíduos vêem as pessoas em situação de pobreza e fome nas ruas e não desejam estar naquela situação. Além disso, eles sabem que esses dois são temas para os quais a humanidade tenta encontrar soluções há séculos, mas não ainda não conseguiu solucionar. Parece ser assustador haver um novo fator que pode intensificar essa situação, por isso, ele deve ser combatido.

Ao desenvolver esse raciocínio, o próximo passo pode ser o questionamento do ouvinte sobre como combater esse mal. Macron, então, segue o discurso e utiliza como

fundamento os estudos científicos produzidos pelo IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), que além de apresentarem o cenário atual e os possíveis futuros cenários relacionados às mudanças climáticas, apresentam os fatores que contribuem para elas, os quais devem ser combatidos. Ainda, o Presidente menciona o compromisso dos Estados com o Paris Agreement, o que chama atenção para outra questão: a França, como um país democrático liberal, muito reforça a importância do multilateralismo e dos acordos ambientais firmados. Assim, nota-se que a construção desse discurso, com início na estratégia do *framing*, consegue desenvolver fortes emoções nos ouvintes e captar a sua atenção, que posteriormente é direcionada ao estudo científico e ao acordo citado. Essa é uma maneira de fortalecer a credibilidade de ambos.

O teor de urgência frequentemente utilizado junto ao *framing* expressa o contexto de crise que envolve o assunto, e consegue despertar nos ouvintes emoções ainda mais fortes quando há o uso único da estratégia discursiva de associação de temas. Um dos exemplos desse fenômeno é o discurso de Le Drian no *Panel on raising climate ambition in the run-up to COP26*, em 2021, no qual ele alega que:

On all continents, the effects of environmental upheavals are already being felt, and call for a rapid, massive and collective response. The fight against climate change is indeed, for us, the fight of the century. [...] At the Climate Ambition Summit, Prime Minister Modi even announced the development of 450 gigawatts of renewable energy by 2030, which is an impressive goal. These resolute choices, which are transforming our countries, are not only good for the planet. They are also a tremendous opportunity for our economies and will create tens of thousands, in the case of India, hundreds of thousands of new green jobs. This is a dimension that we must never lose sight of, when we plan the ecological transition and when we talk about it to our fellow citizens (Le Drian, 2021).

Nesse trecho, após enfatizar o caráter de crise e urgência das problemáticas ambientais a nível mundial, o Primeiro Ministro associa a situação à economia. Ele coloca o desenvolvimento da transição ecológica como uma oportunidade para as economias nacionais, por meio da criação de novos empregos, os chamados green jobs, e, implicitamente, para o desenvolvimento tecnológico, fazendo referência ao objetivo anunciado pelo Primeiro Ministro Indiano de desenvolver 450 gigawatts de energias renováveis até 2030. Nesse sentido, diferentemente da abordagem dos discursos apresentados neste trabalho até o momento, nesse discurso, o intuito de Le Drian não é conquistar a atenção do ouvinte despertando somente uma preocupação, mas também

esperança. Ou seja, a expectativa é que o ouvinte primeiramente seja impactado sobre a grave situação do meio ambiente, e, em seguida, entenda como o caminho para a superação desse desafio pode ser benéfico para a economia de seu país, e, indiretamente, para si mesmo, visto que haverá a geração de novos empregos, ou seja, mais oportunidades no mercado de trabalho. Dessa forma, ainda que a primeira expectativa - relacionada ao impacto sobre a grave situação ambiental - não seja alcançada primeiro, provavelmente ela será depois, pois, visto que a garantia de oportunidades de emprego e a mudança do mercado de trabalho são assuntos que preocupam diariamente o cidadão, a atenção dele será captada ao citar esses temas e, em segundo momento, será levada ao motivo dessa possível transformação, induzindo-o a entender a situação ambiental de crise e urgência.

Como no caso analisado do discurso do Macron na COP 23, em 2017, o Primeiro Ministro Francês também cita dados científicos e o Paris Agreement no mesmo discurso.

You know that the objective of the Paris Agreement is to limit global warming to 2°C or even 1.5°C compared to pre-industrial times by the end of the century. If we fail to do so, the consequences will be disastrous. The World Meteorological Organization estimates that the period 2016-2020 was the warmest on record. According to the UN, at the current rate of greenhouse gas emissions and even if all current commitments of States were fully implemented, warming could reach 3.2°C during the century. This is why it is essential that all countries increase their climate commitments by COP26 in Glasgow, as required by the Paris Agreement (Le Drian, 2021).

Esse fator reforça ainda mais o interesse e a preocupação do ouvinte com a questão tratada, visto que ela é embasada por dados científicos e um histórico de discussões no meio internacional, as quais geraram um acordo com metas e compromissos a serem cumpridos pelos Estados. Ou seja, ao ler sobre esses dois fatores, o ouvinte tem evidências concretas de que a problemática ambiental é uma realidade e que deve ser combatida.

Na 72nd United Nations General Assembly, em 2017, Macron realizou um discurso que contém os elementos de *framing*, crise e urgência e multilateralismo, citando fatores como o desaparecimento de territórios, guerras por água, fome e exodus.

We all know that environmental degradation is already causing hundreds of thousands of deaths, millions according to some calculations, due to global warming and air pollution. And the most affected are almost always the most vulnerable populations in the most vulnerable countries, children, the elderly, women especially pregnant women, and if left unchecked, this development will cause the disappearance of entire territories. It will accentuate water wars, famines, depletion of natural resources, exoduses and therefore all the subjects of

geopolitical disruption that we know perfectly well and therefore, far too often, we only deal with the ultimate consequences, without addressing the root causes. These disasters will be worse tomorrow if we do nothing, when many opportunities and developments are possible, and if we do not decide to act now. [...] The United Nations is the right forum to build this global pact for the environment together. Let us build on the success of the 2030 Agenda which, together with the Paris Agreement, is our common roadmap to transform the world. And by strengthening international environmental law, in pursuit of sustainable development objectives, and thus facilitating the implementation of the environmental pillar of sustainable development, the pact will be a tool at the service of all States in the implementation of this 2030 Agenda. To negotiate it, we already have the founding principles and solid foundations, such as the Stockholm Declaration of 1972 and the Rio Declaration of 1992 and 2012 (Macron, 2017b).

Assim, ao mesclar em sua abordagem fatores já conhecidos pelas pessoas - como guerra por água, fome e êxodos - e fatores ainda não conhecidos - como o esgotamento de recursos naturais e o desaparecimento de territórios - o caminho para conquistar o ouvinte que precisa ser convencido sobre a importância das questões ambientais é aberto, pois, ao mostrar domínio do conhecimento sobre graves fatores reais, o discursador passa credibilidade ao restante de sua fala. Em seguida, o apelo sobre a importância de agir rapidamente deve impactar o ouvinte ainda mais em relação aos fatores citados não conhecidos por ele, os quais, por si só, já geram sentimento de medo e insegurança - ao imaginar territórios desaparecendo, por exemplo. Como último elemento para alcançar seu objetivo, Macron cita o documento internacional divulgado pela Organização das Nações Unidas, órgão de grande expressividade mundial, a Agenda 2030, e reforça a importância dos países de se cumprirem as metas do Acordo de Paris e respeitarem as resoluções da Stockholm Declaration de 1972 e da Rio Declaration de 1992 e 2012. Dessa maneira, a mensagem entregue ao ouvinte é a de que graves problemas que ele não conhece podem ser desencadeados se não combatermos as suas causas rapidamente, e que a situação é tão real que há tempos vem sendo tratada no meio internacional, gerando compromissos entre os Estados.

Dessa forma, por meio do uso do *framing* e da associação do meio ambiente à situação de crise e urgência, Macron e Le Drian criam estratégias discursivas para convencer o público geral e outros estadistas sobre a seriedade do tema. Ao fazer esses apontamentos, baseiam seus argumentos em estudos científicos e reforçam a importância do multilateralismo no combate às problemáticas enfrentadas. Assim, almejam alcançar os objetivos de sensibilizar os ouvintes acerca das temáticas apresentadas e de criar significados

que seguem esse sentido para os tomadores de decisões, a fim de causar efeitos concretos nas políticas internas e externas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a visualização e análise do conteúdo e principais características de trechos de discursos proferidos por importantes agentes de política externa da França, do Brasil e dos EUA à respeito do meio ambiente e das mudanças climáticas nos primeiros anos após a assinatura do último grande instrumento internacional de impacto sobre o tema, há claras posições divergentes sobre a importância e o significado de iniciativas internacionais e estudos científicos como o IPCC, por exemplo. Não apenas no sentido de considerá-lo prioritário e urgente, mas também, na concepção das consequências de uma continuidade da lógica do excedente produtivo inerente ao sistema capitalista.

O governo brasileiro, por sua vez, expressou uma postura cética em relação às instituições internacionais e aos acordos multilaterais, questionando sua validade e eficácia. Bolsonaro visava sempre defender a soberania nacional do Brasil nas questões ambientais e sobre o território amazônico, expressando grande desconfiança em relação à interferência estrangeira nos assuntos internos do país. Bolsonaro também adotou uma postura de desvalorização das instituições científicas e organismos multilaterais em favor de suas próprias ideologias e interesses políticos, promovendo informações falsas e distorcidas para minar a credibilidade dessas fontes. Na perspectiva discursiva dos dirigentes franceses, destaca-se a necessidade de conciliar produtividade com preservação ambiental e colocar como urgente o cumprimento de compromissos coletivos globais de redução de emissões de gases e iniciativas de diversas ordens associadas ao meio ambiente. No entanto, sob a ótica do então presidente estadunidense, a questão da mudança dos padrões produtivos claramente geraria prejuízos aos empresários e trabalhadores e, portanto, à própria sobrevivência de todos diante da estagnação econômica. Há também a perspectiva de defender prioritariamente os interesses nacionais.

Por outro lado, pela visão trazida pela ideia de *framing* que direciona nosso olhar neste trabalho, há muito em comum na estratégia das lideranças dos três países na forma de criar impacto e comoção social. Partindo do pressuposto de que o *framing* não diz respeito

apenas a uma determinada posição política, também é possível afirmar que todos, a seu modo, utilizam a ideia de urgência e crise atrelada à forma como buscam gerar compreensão da população sobre o “seriedade” do problema. Baseia-se na demonstração de impactos muito diretos na vida quotidiana dos cidadãos, como a sua saúde, alterações geográficas próximas e até alterações morais. No Brasil, as crises econômica e financeira, que domesticamente já são um tema de bastante apreensão no país, foram utilizadas para convencer a população em relação à questão ambiental ao adotar uma postura mais cética e ao questionar a veracidade das informações científicas sobre o tema. Assim, era argumentado que os dados científicos eram distorcidos por interesses políticos ou econômicos externos, que visavam atrapalhar o crescimento econômico do Brasil. No caso francês, as crises decorrentes da pandemia de COVID-19 que afetou intensamente a vida das pessoas em 2021 são equiparadas às possíveis consequências do aquecimento global. Já nos EUA, o fechamento de fábricas, a redução de salários e o desemprego são resultados diretos do cumprimento das metas do Acordo de Paris. As crises, para não dizer as tragédias, fazem parte de ambas as concepções e esta é construída mentalmente a partir de discursos que associam os medos concretos da vida dos cidadãos, de um lado, o aquecimento global, de outro, as metas a serem alcançadas a partir do assinatura do acordo internacional.

A ideia de “relativização da verdade”, bem como o conceito de “emancipação da realidade” de Arendt, também inerente ao contexto da pós-verdade, ajudam a compreender uma diferença fundamental entre a dinâmica de crise e urgência das estratégias discursivas com *framing* utilizados pelos dirigentes: a naturalização dos fatos sem fundamentação objetiva, utilizados por Bolsonaro e Trump.

No contexto brasileiro, fica bastante claro que a extrema direita está intimamente ligada ao negacionismo das mudanças climáticas, incorporada na política estatal de Jair Bolsonaro. Durante toda sua campanha, Bolsonaro se comprometeu a retirar o Brasil do Acordo de Paris, assim como Trump havia feito nos Estados Unidos, motivado por um receio infundado de que a Amazônia estivesse sendo internacionalizada, principalmente pelos países que financiavam o Fundo Amazônia. Em complemento, Bolsonaro nomeou um ministro do Meio Ambiente que tinha fortes ligações com grupos negacionistas norte-americanos, além de um chanceler, Ernesto Araújo, que rotulava o aquecimento global como uma grande conspiração de inspiração marxista.

É evidente, a partir das declarações coletadas, que tanto Trump quanto Bolsonaro

adotam uma postura de negação e demonstram pouco comprometimento diante da questão ambiental. Ambos buscam atribuir a responsabilidade a outros agentes, domésticos ou externos, e afirmam que a situação está sendo bem gerenciada dentro de seus territórios. Além disso, ambos demonstraram desinteresse pelas notícias científicas que alertavam sobre os impactos devastadores das mudanças climáticas para toda a humanidade. Além de mitigar o impacto das emissões de gases e outras atitudes que representam a continuidade e intensificação da devastação ambiental, Trump afirmou que as 'soluções' propostas internacionalmente representavam a verdadeira catástrofe que tanto se pregava para a salvação da humanidade.

Ou seja, são utilizadas construções mentais que desqualificam o discurso técnico-científico, bem como o normativo, trazendo uma nova versão que é uma deturpação dessa chamada 'visão alternativa' sobre esses fatos. Isso confunde mentiras e verdades, explicações técnicas e normativas com versões infundadas de fatos que, com base nas estratégias de convencimento já apresentadas, passam por tão legítimas quanto as anteriormente divulgadas com base em estudos e acordos legais.

As mudanças climáticas são vistas com ceticismo por atores de extrema-direita, particularmente em comparação com as atitudes dominantes na Europa. Esse ceticismo geralmente é motivado por preocupações sobre cosmopolitismo, globalismo, governo mundial liberal e perda de soberania. Assim, a oposição às políticas de mudança climática está enraizada em diferenças ideológicas e na percepção de que tais políticas ameaçam seus valores centrais e identidade nacional. Esse ceticismo permite que eles se posicionem como defensores de interesses econômicos e desafiem processos e respostas estabelecidos às mudanças climáticas. Isso inclui o uso da mudança climática como um veículo para a realização do populismo.

A compreensão material-discursiva da linguagem é uma estrutura valiosa para analisar a retórica desses líderes políticos, como Donald Trump, Jair Bolsonaro ou Emmanuel Macron. Essa abordagem reconhece que a linguagem pode ser moldada pela relação afetiva entre a realidade emocional, física ou material e o próprio discurso. Ao aplicar uma lente material-discursiva, os pesquisadores podem lançar luz sobre como esses atores encontram um terreno comum e articulam sua conexão com as questões ambientais. Essa estrutura enfatiza as formas pelas quais o discurso é afetado e afeta os ambientes materiais em que é produzido e executado, revelando as dinâmicas de poder subjacentes

que estão presentes em seu discurso.

O objetivo aqui não é apontar uma liderança como certa e outra como errada. A ideia de enquadramento construída por agentes políticos, mas também por atores menos destacados neste estudo, como jornalistas e intelectuais, têm um impacto social e político a partir de como os discursos são construídos e como eles são capazes de influenciar a definição de indivíduos enquadramentos sobre o tema. E, nesse sentido, há semelhanças e diferenças entre os governos dos dois países analisados no contexto especificado neste estudo. De fato, entender o contexto é fundamental para entender as escolhas de como as ideias relacionadas ao debate público são construídas em diferentes países, com diferentes líderes e liderados, bem como em governos associados a “modelos” contemporâneos que expressam diferentes ideologias, como as da *alt-right*, por exemplo. Pode representar subsídios para estudos que buscam compreender estratégias e ações políticas contemporâneas de extrema-direita.

REFERÊNCIAS

AHAB. **Environmentalism and the alt right**. Alexandria: Altright.com, 2017.

Disponível

em: <https://altright.com/2017/06/06/environmentalism-and-the-alt-right/>. Acesso

em: 21 jun. 2023.

BEHRAVESH, Maysam. The Relevance of Constructivism to Foreign Policy Analysis. E-

International Relations. 2011. Disponível em: [The Relevance of Constructivism to](#)

[Foreign Policy Analysis \(e-ir.info\)](#). Acesso em: 26 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. Fala do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante reunião com os governadores dos estados da Amazônia Legal. Palácio do Planalto. 2019a. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/falas-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-e-governadores-durante-reuniao-sobre-amazonia-legal-palacio-do-planalto>. Acesso: 6 ago 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Abertura do Debate Geral da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU). Palácio do Planalto. 2019b. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-abertura-do-debate-geral-da-74a-sessao-da-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-agnu-nova-iorque-eua>. Acesso: 6 ago 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Abertura da I Feira de Sustentabilidade do Polo Industrial de Manaus. Palácio do Planalto. 2019c.

Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-abertura-da-i-feira-de-sustentabilidade-do-polo-industrial-de-manaus-manaus-am>. Acesso: 6 ago 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Palácio do Planalto. 2020a.

Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu>. Acesso em: 7 ago 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cúpula da Biodiversidade da Organização das Nações Unidas (ONU). Palácio do Planalto. 2020b.

Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cupula-da-biodiversidade-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu>. Acesso em: 7 ago 2023.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cúpula de Líderes sobre o Clima. Palácio do Planalto. 2021. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-200bcupula-de-lideres-sobre-o-clima-brasilia-df>. Acesso em: 7 ago 2023.

BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization.

Political Theory, California, United States, v. 34, n. 6, p. 690-714, dez. 2006.

FLOCKHART, Trine. Constructivism and Foreign Policy. In: SMITH, Steve, et al. (eds). Foreign Policy: Theories. Actors. Cases. **Oxford: Oxford University Press**, 2016, p. 79-94.

DANTAS, Carolina. **Atual proposta de orçamento para Ministério do Meio Ambiente é a menor em 21 anos, aponta relatório**. Rio de Janeiro: G1, 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/01/22/atual-proposta-de-orcamento-para-ministerio-do-meio-ambiente-e-a-menor-em-21-anos-aponta-relatorio.ghtml>. Acesso em: 6 ago 2023.

EVOLALINKOLA. **The alt-right is Green: Not a Pepe meme**. Alexandria: Altright.com, 2017. Disponível em:

<https://altright.com/2017/07/26/the-alt-right-is-green-not-a-pepe-meme/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

FINNEMORE, MARTHA & SIKKINK, Kathryn. International Norm Dynamics and Political Change. **International Organization**, Cambridge, Reino Unido, v. 52, n. 4, p. 887-917, set/dez. 1998.

FRASER, Nancy. **The end of progressive neoliberalism**. Philadelphia: Dissent, 2017. Disponível em:

https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser/. Acesso em: 22 jun. 2023.

G1. **Fundo Amazônia tem R\$ 2,9 bilhões paralisados pelo governo Bolsonaro, alertam ONGs**. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/10/26/fundo-amazonia-tem-r-29-bilhoes-em-conta-parados-apos-paralisacao-pelo-governo-bolsonaro-alerta-rede-de-organicoes.ghtml>. Acesso em: 6 ago 2023.

KRATOCHWIL, Friedrich V. Constructivism as an Approach to Interdisciplinary Study. In: FIERKE, Karin M., et al. (eds). **Constructing International Relations**. Nova York: M.E. Sharpe, 2001. p. 13-35.

KRATOCHWIL, Friedrich V. **Rules, Norms and Decisions: On the Conditions of Practical and Legal Reasoning in International Relations and Domestic Affairs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

[-europeia-nao-assinara-tratados-com-quem-desrespeitar-acordo-do-clima.ghtml](#). Acesso em: 30 jul 2023.

SCHINDLER, Sebastian. The task of critique in times of post-truth politics. in: **Review of International Studies (2020)**, 46: 3, 376–394.

TAYLOR, Blair. Alt-Right Ecology: Ecofascism and far-right environmentalism in the United States. In: FORCHTNER, Bernhard (ed). *The Far Right and the Environment: Politics, Discourse and Communication*. London: Routledge, 2019, p. 276-293.

TRUMP, Donald. **The concept of global warming was created by and for the Chinese in order to make U.S. manufacturing non-competitive**. United States, 6 of November of 2012. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/265895292191248385?lang=en>. Acesso em: 25 jun 2023.

TRUMP, Donald. Statement by President Trump on the Paris Climate Accord. **White House Archives**. 2017a. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/statement-president-trump-paris-climate-accord/>. Acesso em: 25 jun 2023.

TRUMP, Donald. Statement from President Donald J. Trump on Earth Day. **White House Archives**. 2017b. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/statement-president-donald-j-trump-earth-day/>. Acesso em: 25 jun 2023.

TRUMP, Donald. Remarks at the Conservative Political Action Conference in National Harbor, Maryland. **The American Presidency Project. 2017c**. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-conservative-political-action-conference-national-harbor-maryland>. Acesso em: 25 jun 2023.

TRUMP, Donald. President Donald J. Trump Wants Reliable and Affordable Energy to Fuel Historic Economic Growth. **White House Archives**. 2018. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-wants-reliable-affordable-energy-fuel-historic-economic-growth/>. Acesso em: 26 jun 2023.

TRUMP, Donald. Remarks by President Trump on America's Environmental Leadership. **White House Archives**. 2019. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-americas-environmental-leadership/>. Acesso em: 26 jun 2023.

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política, Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

WORKMAN, Annabelle et al. Health co-benefits and the development of climate change mitigation policies in the European Union. **Climate Policy**, [S. l.] v. 19, n. 5, p. 585-597, nov. 2018.